



## As Interfaces do Inteligível<sup>1</sup>

Patricia de Albuquerque Fernandes<sup>2</sup>

Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

### Resumo

Este artigo lança um olhar sobre algumas correntes científicas e filosóficas que estudam a evolução do pensamento humano, a capacidade humana de entender e interagir, que se desenvolve a partir da evolução de uma linguagem natural, para atuar em um universo cada vez mais complexo de informações, interpretações e memórias. Uma busca de um entendimento digamos; hegemônico, intersemióticos, metasemiótico, a respeito do pensamento humano e da mente como a interface do inteligível, e do signo como entidade mediadora.

### Palavras-chave

Inteligível; linguagem; semiótica; ecologia cognitiva.

### O instrumento; a linguagem

A linguagem natural é um processo mental. Seja ela estruturada em códigos pré-estabelecidos ou instintivamente. É a forma que temos para estruturar nosso pensamento de maneira que seja possível passá-lo adiante, e a forma pela qual nos expressamos.

“A escrita foi a base para o desenvolvimento da consciência humana, do intelecto, do conhecimento de si mesmo e do mundo e em sentido mais geral, do espírito crítico.”  
(DIRINGER, 1968).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP 15 – Semiótica da Comunicação, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom;

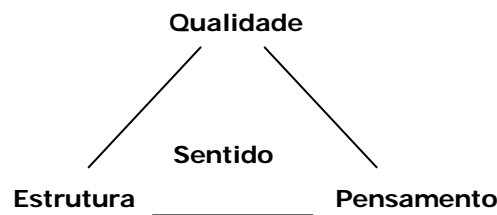
<sup>2</sup> Professora do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Publicidade da Universidade Católica de Pernambuco, nas disciplinas de Criação em Publicidade e Produção Multimídia, e da Escola Superior de Marketing, Faculdade de Mercado Amplo na disciplina de Arte Publicitária. Diretora de arte e de criação atuou em Portugal, Inglaterra e São Paulo. E-mail: [patri@unicap.br](mailto:patri@unicap.br). Mestre pela Saint Martins College of Art and Design – Londres, Inglaterra, 1992. Dissertação; *The Symbolic Mode*, e graduada pela UFPE em 1988; Monografia; *Imagem sob ótica Pluralista*. Em ambos os cursos e em seu trabalho, semiótica tem sido objeto de investigação e fonte inesgotável de pesquisa.

Porém, antes da linguagem alfabética, existia e existe a linguagem instintiva. O homem primata já agia e interagia com o mundo através de uma espécie de raciocínio lógico natural, ou *meta-lógico*, e estabeleciam linguagens de interação com o meio e com o outro.

Lemos o mundo, interagimos com ele, e ele nos transforma, e interagimos com ele, se caçamos, se sobrevivemos, se reagimos é através da linguagem, através de representações que se organizam a partir de uma lógica natural, de uma construção lógica dedutiva, comparativa, associativa... A linguagem também determina formas artísticas, corporais; midiáticas, tecnológicas.

O inteligir destas linguagens se fundamenta na construção de uma *estrutura* ou *qualidade* de *pensamento* que nos possibilita chegar a um *sentido*, um significado, um pensamento ou julgamento do que esta sendo representado através destas formas.

**Processos de Inteligir :**



Esta representação demonstra que a busca do *sentido*, pela linguagem, ocorre de maneira não linear e pode partir em qualquer direção; de uma qualidade, de uma estrutura ou de um pensamento.

Estes *sentido*, na maioria das vezes determinante, ocorre a partir da estruturação de um pensamento, que ocorre pela estruturação de uma linguagem, e que nos faz entender e dinamicamente interagir, responder, construir significações, ou outros pensamentos a partir do primeiro, determinarão comportamentos não só individuais, mas também coletivos.

A evolução da linguagem é necessária para a evolução do homem e do pensamento humano. A linguagem deriva da leitura, da necessidade pela construção de um pensamento e de um sentido que motive uma incessante transformação em nós mesmos e no mundo.



Toda forma de experiência; sensorial, racional ou abstracional se transformará em pensamento, impressões e linguagem. Se tornará consciente através da adoção voluntária ou involuntária (inconsciente) de uma linguagem que o represente.

Portanto percebemos que a linguagem existe inerente a nossa existência, ao nosso instinto de sobrevivência, assim como à existência de todas as coisas inteligíveis ou não, uma vez que as estruturas profundas ou nosso inconsciente, até mesmo o dito *inconsciente coletivo*, imprimem marcas em nosso comportamento, memórias e pensamentos.

Para Noam Chomsky (1928) <sup>3</sup> conceitos, idéias e pensamentos (*estruturas profundas*) não estão inerentemente ligadas a nenhuma forma de linguagem, mas poderiam ser expressas através de uma variedade de expressões lingüísticas (*estruturas superficiais*). ... as idéias e pensamento complexos chegam a superfície como linguagem, depois que uma série de transformações, que ele chama de *derivações*, os convertem em frases bem formuladas. Estas transformações agem como uma espécie de filtro às nossas experiências profundas. Nesta perspectiva, Chomsky acredita que fenômenos *transderivacionais* ativa processos inconscientes de associação.

### **A *tecnologia* da linguagem**

Já na idade média nascia a tradição intelectual pelo estudo da lógica (*ars lógica*) como ferramenta para a retórica e para os discursos persuasivos de um modo geral<sup>4</sup>. Com isto buscavam um entendimento único, universal, uma espécie de modo simbólico de comunicação que seria inteligível a todos, e que superou a esfera do que na época se chamava de *ciências ocultas*, para se tornar um componente fundamental do pensamento renascentista e iluminista.

O termo *Clavis Universalis*, ou chave universal, foi utilizado entre o século XVI e XVII para designar o método ou a ciência geral que permitiria ao homem captar, para além das aparências fenomenológicas ou das sombras das idéias, a estrutura ou trama ideal que constitui a essência da realidade; decifrar o alfabeto do mundo, ser capaz de ler nos grandes livros da natureza os signos gravados pela mente divina, descobrir a plena correspondência entre as formas originárias e as cadeias das razões humanas. Construir uma língua perfeita

---

<sup>3</sup> Ver Gramática Transformacional de Noam Chomsky; In: **Estrutura da linguagem**. [on - line]. Disponível em: <<http://www.pnl.med.br/site/artigos/16.htm>>

<sup>4</sup> Ver KAPP S. **Ars Inveniendi**. [on-line]. Disponível em: <<http://www.arq.ufmg.br/ia/documento%20Silke%20Kapp/artigosilke.htm>>.



capaz de eliminar os equívocos e revelar as essências, pondo o homem em contato não com os signos, mas com as coisas em si; criar enciclopédias totais, classificações ordenadas que seja o espelho fiel da harmonia presente nos cosmos. (ROSSI, 1960).

Seguido por um ideal iluminista, bem ilustrado pelo grandioso projeto de Gottfried Leibniz (1646-1716) que defendia;

A criação de uma linguagem universal, a *Characteristica Universalis*, estruturada segundo concatenações lógicas e cujos caracteres ou palavras expressariam relações entre pensamentos, de maneira semelhante à matemática ou a notação musical. Como se o modo de raciocinar pudesse ser dito como o de calcular.<sup>5</sup>

A esta tradição devemos as réplicas de sofisticados modelos mentais baseados em linguagens de estruturas *tecno-lógicas*, que na verdade são derivações de um entendimento de nossos sistemas cognitivos sob tal ótica, e que hoje chamamos de inteligência artificial, ou computação.

Para um pensamento de origem mecanicista, funcionalista, estas programações e simulações seriam suficientes para explicar os fenômenos cognitivos, criando linguagens artificiais a partir de uma analogia funcional de mapas que esquematizam as localizações e funções do cérebro na intenção de reproduzir tais fenômenos.

Porém estes modelos *tecno-lógicos* não conseguiram explicar exatamente a essência vital da motivação involuntária ou voluntária da linguagem instintiva, que nos faz imaginar como imaginamos, individualmente, simbolicamente, experiencialmente. Ou seja; os fenômenos naturais da consciência; senso de unidade, realidade, espacial, temporal, de decisão, intuição, nem as emoções, nem as verdadeiras dimensões e formas simbólicas que conteúdos podem assumir em nossa mente.

René Descartes (1596-1650), apesar de suas postulações racionalistas, acreditava que; o estudo do pensamento põe diante de nós um problema de qualidade de complexidade e não simplesmente de grau de complexidade<sup>6</sup>. Para Chomsky, Descartes com esta afirmação demonstrou acreditar que o entendimento e a vontade, as duas propriedades fundamentais do espírito humano, implicam faculdades e princípios que não são realizáveis mesmo pelos autômatos mais complexos.

---

<sup>5</sup> ROSSI, P. *Clavis Universalis*.

<sup>6</sup> Ver CHOMSKY, pág. 17



## A lógica *utens*

Pierce acreditava que a lógica era coesa do raciocínio, e que éramos dotados de uma natureza lógica ulterior, instintiva, que permitia as satisfações mais básicas dos seres, e que era base indispensável para um raciocínio mais complexo, chamado por ele de *lógica docens*. Ou seja, uma lógica mais complexa, conclusiva, e possível de ser ensinada, percorrida, recriada, como um método de busca da verdade<sup>7</sup>.

Para Pierce o *bem lógico* era bem da representação, e assim como a lógica, um *representâmen* deriva em transformações outras representações.

Todo *representâmen* deve ser capaz de contribuir para a determinação de um *representâmen* diferente dele mesmo. Toda conclusão derivada de premissas é um exemplo disso; e o que seria um *representâmen* que não fosse capaz de contribuir para uma conclusão ulterior qualquer... Todo *representâmen* está relacionado ou é capaz de ser relacionado com uma coisa reagente, seu objeto, e todo *representâmen* concretiza, em algum sentido, alguma qualidade, que pode ser chamada de significação, que é aquilo que, no caso de um substantivo comum, uma expressão particularmente questionável. (PIERCE, pág. 205)

Ou seja, segundo Pierce, a verdade lógica, derivada de representações, não corresponde a verdade máxima, comumente atribuída como princípio da busca cartesiana<sup>8</sup>, e, segundo Pierce, todo nosso conhecimento baseia-se em juízos perceptivos que nunca podem ser repetidos, a não ser por uma nova experiência, que poderá ou não nos levar a mesma inferência.

Dizer que uma proposição é certamente verdadeira significa apenas que nunca se pode descobrir que ela é falsa, ou, em outras palavras, que ela derivou de outros juízos perceptivos verídicos através de argumentos logicamente corretos... Parece assim que o bem lógico é simplesmente a excelência do argumento. (PIERCE, pág. 206)

## O Instrumento do instrumento; o signo

---

<sup>7</sup> Entendimento filosófico que fez Pierce diferenciar o Pragmatismo do Pragmaticismo por ele defendido.

<sup>8</sup> Ver PIERCE, pág. 260;... o formalismo do critério cartesiano; Tudo aquilo de que eu estiver claramente convencido é verdadeiro.



Pensar em signo é pensar na inteligibilidade como processo, como evento, como meio de apreensão de um significado que julgamos ser legítimo. Uma busca pela verdade movida pela necessidade de compreender o mundo e os outros.

Muitos pensadores desde o período helênico postularam tratados semióticos como instrumentos de uma compreensão dos processos pelos quais realmente inteligimos.

A Semiótica propriamente dita encontra seu ancestral na história da medicina, onde o médico grego Galeno de Pérgamo (139-199) referiu-se à *diagnóstica* como sendo a *parte semiótica* (semeiotikón méros) da medicina.<sup>9</sup>

Pensar em inteligível é pensar em um processo de semiose que torna os fatos conscientes ou *transitoriamente* conscientes, é falar da compreensão do signo em si, em relação a si mesmo, ao interpretante, ao fato em si ou ao objeto ao qual ele representa; a partir de uma lógica individual.

O signo é também uma experiência pessoal pela qual nos construímos e expressamos. É um elemento determinante, instrumento da linguagem e da expressão. A unidade mínima e máxima do nosso pensamento, o átomo de nossa consciência, do nosso processo de interação com o meio e com o outro. Pensar em signo é pensar em inteligibilidade, pois o signo se completa com um entendimento, um pensamento, uma idéia, uma representatividade, uma impressão ou um julgamento. Todos os instrumentos dos quais nos servimos para a cognição e para falar são signos.<sup>10</sup>

O questionamento de *signo* como elemento de nosso pensamento, ou associado ao nosso processo de entender e criar representações existe desde a nossa compreensão do que é pensamento humano. Pensar em signo e sobre o signo é pensar na legitimidade do elemento, como acontece na filosofia e na epistemologia, como ciência dos métodos e da validade do conhecimento. Podemos entender que filosofar é estabelecer signos-pensamentos, leis ou argumentos pelos quais pensamos alcançar ou nos aproximar da verdade nos fatos analisados.

## **O signo pensamento**

---

<sup>9</sup> Ver Nöth, pág.19.

<sup>10</sup> Ars Lógica, Jean Poinsot (1589-1644); ver W. Nöth, pág.36.



Pierce chamava de signo-pensamento o elemento signico responsável pela inteligibilidade, era o signo mediador, totalizante de nosso pensamento, de nós mesmos, que poderia dirigir-se ao pensamento de outra pessoa, e que seria sempre interpretado por um pensamento subsequente nosso mesmo.

Para Pierce, o signo-pensamento só poderia dirigir-se ao pensamento de outra pessoa depois de um considerável desenvolvimento interno, seria transladado para, ou interpretado por um signo-pensamento subsequente, e neste sentido podemos entender que Pierce admite signo como elemento mediador de natureza transformacional.

O signo-pensamento representa seu objeto sob o aspecto em que ele é pensado; este aspecto é o objeto imediato da consciência no pensamento, ou o próprio pensamento, ou aquilo que se pensa ser o pensamento no pensamento subsequente para o qual ele é um signo. (PIERCE, 286.3, pág. 270)

### **Os elementos da consciência**

Pierce dizia que a compreensão lógica do pensamento consiste nos pensamentos contidos nesta lógica, e que os pensamentos são eventos, atos da mente. Para Pierce o significado de um pensamento seria algo virtual.<sup>11</sup>

O signo cria algo na mente do intérprete, algo que – por ter sido assim criado pelo signo – foi também criado de modo mediato e relativo pelo objeto do signo. A esta criação do signo-objeto dá-se o nome de Interpretante, podendo-se entendê-lo, em suma e em termos banais como o conceito ou a imagem mental criada na relação triádica do signo. (NETTO, pág. 70)

“O interpretante imediato corresponde ao sentido, o interpretante dinâmico equivale ao significado e o interpretante final, à significação.<sup>12</sup>” Tudo isto mostra que sentido, significado e significação atuam na mente em semiose para a construção de um entendimento conclusivo sobre o signo, ou inconclusivo e perceptivo, indireto e instintivo, e em todos os casos memorável.

---

<sup>11</sup> Ver PIERCE, pág. 272.

<sup>12</sup> Ver NETTO, Pág. 71.



**INTERPRETANTE IMEDIATO ----- SENTIDO**

-----  
**INTERPRETANTE DINÂMICO ----- SIGNIFICADO**

-----  
**INTERPRETANTE FINAL ----- SIGNIFICAÇÃO**

Para Pierce a lógica, na perspectiva do que hoje chamamos por semiótica, nos provê de uma classificação dos elementos da consciência, e que todas as modificações da consciência são inferências válidas que se subdividem em três tipos; o primeiro; a inferência intelectual; *hipótese*, *indução* e *dedução*; o segundo; seriam juízos de sensação, emoções e movimentos instintivos, e que para ele, são *hipóteses* cujos predicados não são analisados na compreensão; e o terceiro; os hábitos; que são *induções* cujos sujeitos não são analisados em extensão. Ou seja; os três elementos da consciência:

**PRIMEIRO : SENTIMENTOS : ELEMENTOS DE COMPREENSÃO**

-----  
**SEGUNDO : ESFORÇOS : ELEMENTOS DE EXTENSÃO**

-----  
**TERCEIRO : NOÇÕES : ELEMENTOS DE INFORMAÇÃO**

Todo pensamento é um sentimento de um tipo peculiar, é simplesmente um fato único, inexplicável. (PIERCE, pág. 272)

**O inteligível e o sensível; o pensamento sentimento**

Platão (429-347 AC), em sua *Teoria das Formas*, dizia que as formas são idéias que tem uma existência própria e que independem de nossa compreensão.

Segundo Pierce, aquilo que é insuscetível de mediação; o inalisável, o inexplicável, o inintelectual, segue em uma *corrente contínua* através de nossas vidas, e é a soma total da consciência, cuja mediação que constitui sua continuidade é provocada por uma força efetiva real que está por trás da consciência.

Para Platão, nossa *percepção* das formas, ou seja, o mundo dos *sentidos*, do perceptivo se apresenta como o mundo das aparências, como imagens ou reflexos, do qual não seria possível uma compreensão precisa, objetiva e direta. Para Platão existe sobre a





forma, ou idéia (pensamento) um conhecimento correspondente obtido apenas através da razão, e o mundo percebido pelos sentidos, ou o mundo do sensível, é o mundo do mutável, plural, porém, um mundo real; enquanto o mundo das formas, das idéias, é o mundo do inteligível, e por ele considerado o mundo dos filósofos.

## O espaço mental

Mas afinal, a mente habita o cérebro ou a alma? Para Aristóteles (384-322 AC) o coração era o centro do nosso corpo, e responsável pelas funções do nosso organismo. Para Platão a *alma* residia no cérebro e lá era onde aconteciam as atividades do pensamento e onde eram guardadas as memórias de nossas imagens sensoriais<sup>13</sup>.

É fundamental entender o conceito de mente em seu sentido evolutivo, do que hoje entendemos por *mente* como agente cognitivo, interface do inteligível, agente modeladora de sentidos e linguagens cada vez mais complexas, veículo da evolução de nosso pensamento.

O anatomista medieval Versalius (1514-1564) e seus contemporâneos eram capazes de explicar muitas funções e disfunções cerebrais mas não eram capazes de explicar como o cérebro poderia imaginar, meditar, pensar e ter lembranças. Era uma visão cérebro-cientista de Versalius e seus contemporâneos, que acreditavam que o cérebro era detentor das nossas faculdades mentais; e que ele chamava de *animal spirits*.<sup>14</sup>

Descartes, pensou ser a glândula pineal o centro regulatório do processamento de informação sensorial, através da ativação de *espíritos endógenos*.<sup>15</sup> A visão cartesiana tinha um entendimento mecanicista dos automatismos fisiológicos. Para Descartes corpo e mente eram essencialmente distintos e as funções motoras centravam-se no nosso cérebro. Nesta perspectiva, para Descartes, não haveria conexão entre as emoções, sentimentos e a razão, pois não poderíamos confiar no que não pudessemos comprovar racionalmente.

---

<sup>13</sup> GARCIA-CAIRASCO, N. **O cérebro e as artes visuais**; considerações históricas sobre o cérebro. [on-line]. Disponível em: <<http://www.cerebromente.org.br/opiniaio/cairasco/art.html>>..

<sup>14</sup> GARCIA-CAIRASCO, N. **O cérebro e as artes visuais**; considerações históricas sobre o cérebro. [on-line]. Disponível em: <<http://www.cerebromente.org.br/opiniaio/cairasco/art.html>>..

<sup>15</sup> GARCIA-CAIRASCO, N. **O cérebro e as artes visuais**; considerações históricas sobre o cérebro. [on-line]. Disponível em: <<http://www.cerebromente.org.br/opiniaio/cairasco/art.html>>..



O racionalismo cartesiano acreditava na essência do corpo como uma região espacial geometricamente definida que inclui a possibilidade de infinitas divisões. Mas à mente, por conta das muitas variedades de faculdades e operações, deveria ser considerada como unidade indivisível, e independente do nosso corpo, não havendo uma conexão concreta entre os dois.<sup>16</sup>

Descartes parecia não acreditar que a mente residiria dentro do corpo. Esta distinção entre razão e sentimento, abre um precedente abismal na compreensão destes dois mundos, o sensível e o inteligível, inteligível como tudo que é capaz de ser entendido e apreendido pelo intelecto, racionalmente, ou como processo pelo qual chegamos à conclusão de um significado definitivo, e o sensível apenas como um mundo de captação, de impressões que não poderiam ser consideradas como verdades.

Porém, na perspectiva cartesiana não há como explicar a consciência e o pensamento. É a mente, ancorada no abstrato fisiológico chamado de cérebro, que controla toda a ação, pensamento e processos de nosso corpo. Funciona através de um network de aproximadamente bilhões de células nervosas, o *sistema* nervoso, que nos permite pensar, ouvir, ver, amar, imaginar e pelo qual nossa mente fala para o nosso corpo como se mover, respirar e criar. É através do que hoje entendemos por *mente* que surgem todas as nossas formas de expressão, desejos, medos, determinações, ideais, sonhos, frustrações.

As contribuições da psicologia ajudaram a expandir nosso conceito de mente para além da ciência médica, do estudo do cérebro e do racionalismo cartesiano<sup>17</sup>, aproximando e reafirmando visões mais metafísicas da filosofia e da arte nas representações de nosso espaço mental<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> Ver René Descartes [on-line]. Disponível em: <<http://www.philosophypages.com/ph/desc.htm>>

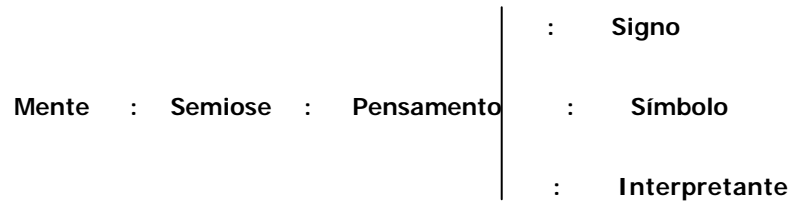
<sup>17</sup> Recordando que a palavra grega *psyque* representa o princípio da vida nos seres viventes, ver NETTO, pág. 53.

<sup>18</sup> Para isto cito WERTHEIN, Margareth; com o seu livro *Uma estória do espaço, de Dante a internet*, onde a autora explora de maneira instigante o conceito e o entendimento de *espaço* desde a idade média até hoje, e principalmente onde o conceito de espaço virtual se confunde com espaço mental.



## Psicognose

Pierce (1839-1914), em sua ciência psíquica<sup>19</sup>, apresentava a mente como semiose ou processo de formação de significações e o pensamento como signo, símbolo ou interpretante<sup>20</sup>, e para Pierce as verdadeiras categorias da consciência seriam primeiramente sentimento, a consciência que poderia ser compreendida como um instante do tempo, consciência passiva da qualidade, sem reconhecimento ou análise, e em segundo, a consciência de um fato externo ou outra coisa, e em terceiro, a consciência sintética que reuniria tempo, sentido de aprendizado e pensamento.



A psicologia associacionista afirmava ser a consciência formada por átomos psíquicos, de elementos mentais que se associavam segundo determinados princípios, sem que houvesse realmente nenhuma relação entre eles.

Para o elementarismo associacionista, a psicologia teria por tarefa principal a análise dos fatos da consciência a fim de encontrar seus elementos constituintes. Acreditavam que uma percepção, uma conduta, é formada de elementos que são considerados em si mesmos e que constituem a matéria da qual é formado qualquer processo psicológico e que estes elementos se associam segundo leis determinadas formando conjuntos aditivos que caracterizam a existência<sup>21</sup>.

Já Willian James (1842-1910), defendia que a consciência é formada de estados substantivos e transitivos, como uma *corrente de consciência*, com a característica de ser contínua e não se estabelecer apenas a partir de nexos associativos como defendido pelo elementarismo associacionista. Para James, a consciência é um puro devir qualitativo e heterogêneo<sup>22</sup>, ou seja, os fatos psíquicos são qualidades puras, enquanto

<sup>19</sup> ou ainda psicognose, hoje conhecida como semiótica, também já chamada de semiótica especial.

<sup>20</sup> Ver NETTO, pág. 53.

<sup>21</sup> Apud GESTALT; **Noção de Estrutura**.

[on-line]. Disponível em: <[http://www.silneyartes.hpg.ig.com.br/gestad\\_guestald.htm](http://www.silneyartes.hpg.ig.com.br/gestad_guestald.htm)>.

<sup>22</sup> Apud GESTALT; **Noção de Estrutura**. 3.2 Henri Bérghson (1859-1941)

[on-line]. Disponível em: <[http://www.silneyartes.hpg.ig.com.br/gestad\\_guestald.htm](http://www.silneyartes.hpg.ig.com.br/gestad_guestald.htm)>.

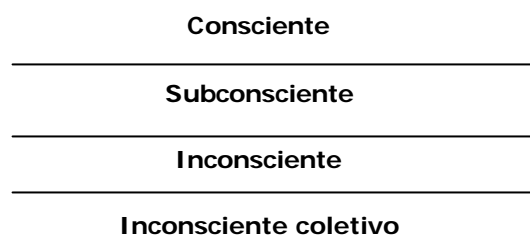


as coisas situadas no espaço são quantidades que frequentemente se associam as estas qualidades.

Esta definição parece ser confirmada por Pierce, contemporâneo de James, quando defendia que; depois de um pensamento qualquer, a *corrente de idéias* flui livremente. Porém este fluir, segundo Pierce segue leis de associação mental, porque, além do elemento principal de pensamento em um momento qualquer há uma centena de coisas em nossa mente às quais apenas uma pequena fração de atenção ou consciência é atribuída. E quando, em virtude de um novo constituinte do pensamento, receber a parte principal dessa atenção, a *corrente de pensamento* que ele desloca é rompida. (PIERCE, pág. 269)

Já a contribuição de Sigmund Freud (1856-1939) se deu por entender que a mente apresenta três planos básicos, ou dimensões; a consciência, o subconsciente, e um mais profundo; o inconsciente, ou seja, um plano do qual não teríamos um reconhecimento direto, uma espécie de memória oculta.

Complementando este entendimento, Carl Jung dizia que a mente individual compartilha de uma memória coletiva, que chamou de inconsciente coletivo, do qual também não teríamos acesso direto, mais por meios indiretos ou substratos simbólicos.



### **Sistema x organismo**

Já o *gestaltismo*, cujo fundador foi Max Wertheimer (1923), e cujo termo significa organização, forma e estrutura, tinha como objetivo explicar a totalidade dos processos psicológicos, como a memória, o pensamento, o desenvolvimento individual e a motivação.

Wertheimer defendia que há isomorfismo entre a experiência fenomenal e o seu correlato fisiológico, os processos cerebrais, e que as leis de organização dos processos



psicológicos aplicam-se integralmente à inteligência e ao pensamento; e que a inteligência não se define apenas pelas categorias lógicas das associações, mas pela capacidade de superar impasses, resolver e inventar problemas.

O termo estrutura tem sua origem no termo latino *struere* que significa construir. Inicialmente foi aplicado a realidades materiais (estrutura de um prédio), para designar o arranjo de suas partes do ponto de vista arquitetônico; em seguida foi aplicado aos seres vivos, para designar sua organização interna. Mais tarde o termo passou a ser utilizado pela física e pela química (estrutura do átomo), designando o agrupamento de diferentes partes de um conjunto e sua coesão interna. Finalmente, no séc. XIX, o termo passou a ser empregado nas ciências sociais com uma conotação mais abstrata de estrutura da uma sociedade.<sup>23</sup>

A lingüística definiu o termo estrutura como o arranjo interno das unidades que constituem um sistema lingüístico; a lei da formação e da inteligibilidade de diversos conjuntos; a estrutura é inconsciente, não é dada da experiência, refere-se à sintaxe de diversas organizações possíveis.

Pensar em mente como um software que opera a partir de um aglomerado de sistemas sincrônicos; cognitivo, nervoso, sensorial, biológico, motor..., é pensar em uma estrutura de conexões multifuncionais. Justificar, entender e replicar estes sistemas, do ponto de vista funcional e estrutural, tem sido útil para todas as áreas da ciência.

Neste sentido poderíamos então reafirmar que a mente é uma espécie de software de produção de sentido, de significação, de tradução, de inteligibilidade, de produção de linguagem, e que contém um sofisticado *sistema* cognitivo que nos permite processar conhecimentos, traduzir ou armazenar informação sensorial; percepção, conscientização, e nos proporcionar capacidade de julgamento.

Porém, nosso espaço mental parece ser maior que nosso corpo, parece compartilhar realmente de uma memória coletiva, e quando pensamos nele, ou em uma possível tentativa de representação de nosso espaço mental, sentimos como se estivéssemos entrando em outra dimensão que não se resume aos de seus correlatos fisiológicos. Quando recorremos a nossos pensamentos, eles parecem ocupar todo o espaço vazio em volta de nós, não parecendo estar contido dentro do espaço de nosso cérebro.

---

<sup>23</sup> Apud GESTALT; *Noção de Estrutura*.  
[on-line]. Disponível em: <[http://www.silneyartes.hpg.ig.com.br/gestad\\_guestald.htm](http://www.silneyartes.hpg.ig.com.br/gestad_guestald.htm)>.



Observar o funcionamento da imaginação científica não é uma opção amena. [Essa imaginação] não é mero divertimento inofensivo, permitido. “Ela desempenha um papel na conformação das visões do mundo que determinam nossos padrões de pensamento – os padrões pelos quais julgamos o que é possível e plausível”. (MIDGEY, M. em WHERTHEIN, M. Uma estória do Espaço).

## Conclusão

Qual a verdadeira diferença entre *ciência* e *ficção*, uma vez que nenhuma verdade é totalmente imperativa. A história nos tem mostrado que a ciência evolui com o nosso pensamento, por contiguidade, e que o nosso pensamento evolui através de um processo de mutação natural da linguagem, que por sua vez se desenvolve e de re-modela com as tecnologias e a ciência, e este princípio, de transformação, inerente em tudo, seja talvez a única e grande verdade.

Hoje a mente é admitida como de natureza quântica, a *neuroinformática* amplia o horizonte da neurociência no estudo do cérebro e do comportamento para além da fronteira da ciência médica e do pensamento funcional e estrutural. A neurobiologia atribui a computação quântica aplicada em sinais de proteína intra neurais, a responsabilidade do fenômeno da experiência, assim como a física quântica usa os fenômenos celulares e moleculares para explicar a consciência.

## Referências bibliográficas

PIERCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

NETTO, Teixeira Coelho. **Semiótica, Informação e Comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

NÖTH, Winfried. **Panorama da semiótica de Platão do Pierce**; diagrama da teoria do signo. São Paulo: Anna Blume, 1998.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**, o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 2001.

CHOMSKY, N. **Linguagem e pensamento**. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.



WERTHEIN, Margaret. **Uma estória do espaço**: de Dante à internet. Jorge Zahar Editor; Rio de Janeiro, 2001.

DESCARTES, René. **Rules for the direction of the mind**. [on-line] disponível em: <<http://home.earthlink.net/~dkuzma/rules.pdf>> acessado em 23 de maio de 2005.

DESCARTES, René. [on-line] disponível em: <<http://philosophypages.com/ph/desc.htm>> acessado em 23 de maio de 2005.

ROSSI, P. **Clavis Universalis**; arts de la mémoire, logic combinatoire et langue universalis de Lulle à Leibniz. [on-line] disponível em: <<http://www.rouen.archi.fr/theatredememoire/Rossi.htm>>. Acessado em 10 de maio de 2005.

GARCIA-CAIRASCO, N. **O cérebro e as artes visuais**; considerações históricas sobre o cérebro. [on-line]. Disponível em: <<http://www.cerebromente.org.br/opiniaocairasco/art.html>>. Acesso em 17 de maio de 2005.

PEREIRA Jr. Alfredo. **The quantum mind**; a classical brain problem. [on-line] disponível em: <<http://www.marilia.unesp.br/atividades/extensao/revista/v3/artigo3.html>>. Acessado em 19 de maio de 2005.

KAPP S. **Ars Inveniendi**. [on-line]. Disponível em: <<http://www.arq.ufmg.br/ia/documento%20Silke%20Kapp/artigosilke.htm>>. Acesso em 10 de maio de 2005.

Gramática Transformacional de Noam Chomsky; In: **Estrutura da linguagem** [on-line]. Disponível em: <<http://www.pnl.med.br/site/artigos/16.htm>> Acesso em 15 de maio de 2005.

GESTALT; **Noção de Estrutura**. [on-line]. Disponível em: <[http://www.silneyartes.hpg.ig.com.br/gestad\\_gestald.htm](http://www.silneyartes.hpg.ig.com.br/gestad_gestald.htm)>. Acesso em 14 de maio de 2005.